

VIAGENS DE GULLIVER

JONATHAN
SWIFT

Introdução de Rui Barbosa

Estudo introdutório de Eugênio Gomes

Tradução de Octavio Mendes Cajado

20ª edição



Título original: *Gulliver's travels*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S979v Swift, Jonathan, 1667-1745

Viagens de Gulliver / Jonathan Swift; tradução Octavio Mendes Cajado; introdução Rui Barbosa; estudo introdutório Eugênio Gomes. – 20. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

recurso digital

Tradução de: *Gulliver's travels*

Formato: ebook

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520945568 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. I. Cajado, Octavio Mendes. II. Barbosa, Rui. III. Gomes, Eugênio. IV. Título.

17-44137

CDD: 823

CDU: 821.111-3

SUMÁRIO

Introdução às Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, tradução de Carlos Jansen, Rio, Laemmert e Cia., 1888, Rui Barbosa

Swift, Eugênio Gomes

Carta do capitão Gulliver a seu primo Simpson

O editor ao leitor

Parte I. Viagem a Lilipute

Parte II. Viagem a Brobdingnag

Parte III. Viagem a Laputa, Balnibarbi, Glubbudrib, Luggnagg e ao Japão

Parte IV. Viagem ao país dos Houyhnhnms

Introdução às *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift,
tradução de Carlos Jansen, Rio, Laemmert & Cia., 1888

La-me caindo da pena o *perplexing* inglês, para acentuar com a cor de um toque a propósito ao assunto o meu enleio, a situação perplexa de meu espírito entre as dificuldades do meu compromisso para com o benemérito tradutor de *Gulliver*.

Poucos dias, breve espaço, competência ainda menor; e em condições tais hei de ser eu quem apresente ao público brasileiro uma individualidade histórica ignorada, por assim dizer, entre nós, tão extraordinária que de sua grandeza escreveu um desafeiçoado: “Imenso gênio, tremenda ruína, tão grande homem me parece, que pensar nele é como cuidar em um império desmoronado.”¹

Tão substancialmente se confunde, em Swift, a obra com o homem, que os seus escritos olham para a posteridade como máscaras modeladas no rosto de um vivo. Discorrer deles sem conhecer o caráter em que se moldaram, o mesmo fora que contemplar a armadura de um guerreiro da média idade, sem vislumbrar-lhe, por entre as juntas do arnês, o tipo humano dos séculos que revestiam o homem dessa couraça de ferro.

Mas aqui não é fácil o retrato do indivíduo. Em torno desta figura, “a mais trágica da literatura inglesa”, negreja a imaginação de comentadores sombrios, dando-nos o espetáculo doloroso da carniceira exercida pelos instintos mais duros da crítica sobre a memória de uma alma grande e desafortunada.

Aos críticos franceses cabe especialmente essa culpa. As páginas de Taine e Paul de Saint-Victor acerca do grande ironista são das mais tristes máculas, que empanam o lustre dessas duas autoridades. “O gênio inglês”, diz Saint-Victor,² “não tem representante mais violento e repulsivo do que Jonathan Swift. Ele encarna em si o orgulho desapoderado, o torvo egoísmo, o ódio fero, a ironia ruim, a índole insociável, todos os pecados capitais de sua raça e de sua terra. Não há feição simpática nesse bravio misantropo: carranqueia, ou ameaça por todos os lados, nem se sabe por onde pegar neste áspero embrechado de garras e espinhos. Ora enjoa, ora aterra: um ouriço enrodilhado sobre si mesmo lhe simbolizaria bem o gênio acerbo. Sua vida foi apenas uma tirania malfazeja, entrecortada de acessos de furor.” Esta diatribe embebida no colorido oriental e repassada na grandeza esquiliana do estilo que debuxou as *Mulheres de Goethe*, e evocou as *Dois máscaras*, acaba por comparar o prestígio de Swift na Inglaterra ao culto de Baal em Cartago e Tifon no Egito: “O gênio cruel deles faz parte do espírito público; a fealdade singulariza a região, a disformidade agrada ao povo como transunto de sua originalidade e de sua força. Roma, porém, não se amolda a adorar esses toscos ídolos indígenas.”

Como que se sente, nestas palavras, ressumar o fel de uma antipatia de raça, o travo longínquo desse azedume de que falava Montesquieu, “*l’affreuse jalousie qui est entre les deux nations*”.³ Os predicados superiores do indivíduo esbatem-se, aos olhos do crítico estrangeiro, no matiz odioso de que as prevenções internacionais lhe saturaram a retina. O autor do *Reisebilder* nunca deu a ver mais claro as afinidades francesas de sua compleição do que nesta curiosa confidência: “Os ingleses, pelo ordinário, a bronca multidão inglesa — Deus me perdoe! — aborreço-os no mais íntimo de minha alma. Muitas vezes os encaro, não como meus semelhantes, mas como autômatos, máquinas, cuja força motriz reside no egoísmo. Nesta disposição de ânimo se me afigura ouvir o zumbo contínuo das rodas, por onde eles cogitam, sentem, contam, digerem, e rezam: suas preces, suas idas mecânicas à igreja, sobraçando o dourado livro de orações, sua piedade desazada são-me sobretudo odiosas. Estou firmemente convencido de que um francês blasfemando há de ser mais grato à divindade do que um inglês orando.”⁴

O rápido arremesso violento de Saint-Victor é visivelmente, porém, um espasmo de cólera literária, de que provavelmente só darão tento os raros, a que a curiosidade e a sedução das delícias do seu estilo atrair pela embriaguez do licor saboroso até às últimas páginas de seus livros. Não assim o largo estudo consagrado ao escritor das *Viagens de Gulliver* por Hippolyte Taine.

A tela, onde este grande artista nos mostra a fisionomia moral de Swift, é uma caricatura caluniosa dos defeitos desta

personalidade descomunal. O quadro deixa no ânimo do leitor a impressão da vida de um louco, impulsado pela monomania despótica, regurgitando de iracúndia, afogado “na alegria de ultrajar, dilacerar e destruir”, remetendo com a sociedade “como um toiro”, “debatendo-se contra a humanidade inteira”, “ignorando o bem e a harmonia”, combatendo, “sem amar uma causa”, “*condottiere* contra os partidos, misantropo contra o homem, cético contra a beleza e a verdade”. E caracteristicamente epiloga o crítico francês as suas invectivas, atribuindo a elaboração desse produto monstruoso às “suas qualidades inglesas”, “cujo excesso o inspirou, e devorou”.⁵

No livro do implacável demolidor a primeira cena da vida “desse gênio pujante e doloroso”, “o maior da idade clássica, o mais infeliz da história”,⁶ desenha-se em um escândalo cômico na sala da universidade de Dublin, onde um aluno relapso, *blockhead* impenetrável às regras da lógica, obtém *speciali gratia* o grau de bacharel, entre as guinadas de riso dos catedráticos. O leitor, a cujos ouvidos cascalha a zombaria dessas casquinadas, se, seguindo até o fim o esboço malévolo de Taine, assistir com ele aos últimos momentos de Swift, não deparando nos agros desta agonia vestígios de lágrimas, ou eco de simpatias contemporâneas, acreditará que aqueles olhos se fecharam no meio do silêncio absoluto da indiferença e do abandono; quando a verdade nos mostra a Irlanda debulhada em pranto à notícia daquele trespasse, o quarto mortuário invadido pela multidão consternada, as últimas brancas daquela cabeça digna da consagração de Shakespeare piamente recolhidas até o último cabelo, como relíquias sagradas, entre

os gritos da aflição pública, tão vibrante, diz Sheridan, “como se ele acabasse de ser arrebatado à pátria inopinadamente na flor de seus anos”.⁷

O episódio acadêmico que preambula o ensaio de Taine é inverídico. O eminente escritor podia ter, nas últimas edições, expungido de sua obra essa lenda inverossímil, em presença dos documentos irrefragáveis publicados e estudados por Forster⁸ na sua biografia *ex-professo* de Swift. Mas não o fez; ou porque a ignore, ou porque lhe pareça que a supressão desse brutesco deixaria detruncada a harmonia do conjunto. Essa inexatidão inicial dá a medida e conhecimento do espírito fantasista, que anima as páginas subsequentes, das menos fidedignas nesse livro, já denunciado, em Inglaterra, como guia inseguro e arriscado na literatura daquele país.⁹

Com as suas faculdades excepcionais de investigação e análise, o juízo desse legislador da crítica moderna é não raras vezes caprichoso e falso. Suas sínteses precipitadas, a facilidade de suas ilações, em que de uma anedota ou de uma frase sucede concluir-se a expressão geral de uma vida, ou de um caráter, o aparato de seus processos científicos encobrindo a miúdo grandes vazios de realidade e de lógica, a predileção pela psicologia patológica inclinando-o a imaginar, e exagerar diáteses morais, seus instintos aluidores, sua acessibilidade a preconceções, a falibilidade de discernimento na seleção das fontes, a balda de magnificar o infinitamente pequeno, e desvaliar o infinitamente grande — são outros tantos descontos, graves e deploráveis ao seu merecimento de historiador e artista. Estes senões imprimiram à sua história

das *Origens da França contemporânea* a tacha de “um panfleto contrarrevolucionário”. Na demolição da Bastilha vê Taine “a anarquia espontânea”; na Revolução, “um latrocínio filosófico”; nos girondinos, “*des bavards outreucidants et rapés*”; em Cambon, “o inventor do roubo sistemático, praticado em grande escala”;¹⁰ em Dubois Crancé, o Louvois da França moderna, “um teorista sem escrúpulos”, um “dos grandes apodrecidos”; em Danton, não obstante a defesa irrefutável do dr. Robinet e Antonin Dubost, “um tipo de venalidade sanguinária”. Mirabeau, esse é eliminado da história. Graças a estes serviços, o clericalismo pôde absolver a Taine da impiedade daquela sua fórmula materialista, que considera “a virtude e o vício simples produtos como o vitríolo e o açúcar”,¹¹ e a obra do grande iconoclasta da glória francesa preconizou-se, entre a gente do antigo regime, como o breviário histórico da reação. Bonaparte, que, na estimativa deste justicador de reputações consagradas, não excede notavelmente a marca dos *condottieri* italianos, que ele rebaixa até a esfera dos tiranetes da idade média, até a infâmia dos Bórgias, até a degradação mental dos convulsionários, até a torpeza do incesto, não escapa sequer à pecha de covardia, bastando, para autorizá-la, o testemunho de um comissário prussiano.

Sendo o mais frio, tornou-se Taine o mais apaixonado entre os historiadores franceses. Pondo em timbre escrever unicamente “para os estudiosos de zoologia moral e os naturalistas do espírito”, falta, entretanto, a cada passo, às leis da evolução psicológica e da evolução histórica. Ainda há

pouco, dizia o mais consumado mestre da crítica francesa nestes dias: “Por via de regra, não são os documentos que determinam os raciocínios de Taine; antes começa por estabelecer o assédio, e só então consulta a sua biblioteca, ou esquadrinha os arquivos, para desencantoar autoridades que corroborem os seus juízos. Nem se concebe a ligeireza, realmente singular, indiferente e iníqua, com que acolhe, para assertoar na história, as mais inverossímeis anedotas e os conceitos mais aleivosos”.¹² Os seus retratos históricos distanciam-se profundamente da natureza e da verdade. “Carrega a tal ponto certas feições, que torna imperceptíveis as demais, tanto as subordina àquelas. Evade assim a maior dificuldade do retrato histórico, suprimindo-a: a de ajustar apositadamente a uma fisionomia as mil e uma contradições, que lhe constituem a originalidade. Tudo destarte se faz mais simples, mas menos verdadeiro, mais uno, mas menos real, mais intenso, mas menos humano.”¹³ Falta, enfim, aos tipos que ele mais se esmera em figurar, o “terem vivido, e estarem situados na época em que se desenvolveram”.¹⁴

Diante de assuntos como a revolução francesa, Taine considera-se como em presença “das metamorfoses de um inseto”. Mas quando, enquanto supondo ditar a história natural das transformações da civilização e a patogenia das grandes crises humanas, delira em alucinações como a que lhe representa na Convenção “uma besta espolhinhando-se em alcatifa de púrpura”,¹⁵ e transmuda as aparições épicas dessa assombrosa comoção social em caracteres odiosos como de Omar, Filipe II e Mandrino, o que ele escreve não é nem a

fisiologia, nem a psicologia da história, mas a alquimia das suas prevenções reagindo sobre os elementos fracionados, alterados e esparsos da verdade. E das retortas desse laboratório miraculoso, onde Shakespeare, o gênio mais luminoso, mais límpido, mais sadio, talvez o mais sensato em toda a história literária, se nos desfigura em síntese de contradições, caos de contrastes, ebulição tumultuosa do sublime com o ignóbil, da razão com a insânia,¹⁶ não admira que a imagem de Swift saia irreconhecível no tipo de uma anomalia associada à humanidade apenas pela demência, pelo ódio e pela vingança.

Se, porém, o repositório mais seguro da verdade histórica está no depoimento dos contemporâneos, bem diverso conceito havemos de formar. Nesse manancial é que se deve beber, não procurando as fontes menos puras, em um Sheridan, por exemplo, cuja inveracidade se acha averiguada,¹⁷ e cuja homonímia com o pai, amigo de Swift, lhe granjeou crédito, que lhe não cabe, ou nas chocalhices de lorde Orrery, “um desses frívolos noveleiros, que buscam adquirir reputação literária, pondo em crônica as fraquezas dos grandes homens”,¹⁸ mas o testemunho de pessoas graves como o do dr. Delany, espírito judicioso e reto, que conhecia a fundo a alma de Swift, e acompanhou-lhe a existência em todos os passos.

Ora, diz essa excelente autoridade, “o caráter da vida de Swift assemelha-se ao de seus escritos: um e outros, reconsiderados e reexaminados com o maior afinco, arrostarão a prova descobrindo sempre, a cada perquirição, belezas e excelências novas. Por mais que os afitemos, não

desmerecerão, como o sol, cujo esplendor lhe encobre as máculas. Ninguém mereceu mais de sua pátria do que Swift; amigo firme, perseverante, inflexível; conselheiro atilado, vigilante e fiel, por entre apertados transes e amargas perseguições, com risco de sua liberdade e fortuna. Sua vida foi uma bênção; sua morte, a de um benfeitor; seu nome perdurará para sempre honrado na memória da Irlanda”.¹⁹ Addison, que era, a par de Swift, o mais perspicaz observador de sua época,²⁰ tendo folgadas e amiudadas ocasiões de estudá-lo de perto, cativou-se-lhe das qualidades morais. A carta que dirigiu a Swift, quando este voltava para a Irlanda, transpassado pela notícia da morte de sua mãe, revela um grau de afeição, de que apenas se nota outro exemplo em toda a carreira de Addison como administrador e homem de letras. “Bem sabeis”, escrevia, “que cumprimentos são, a meu ver, quebras da amizade; só vós direi, pois, que anseio ver-vos, sem acrescentar que amo a vossa companhia, e estimo o vosso colóquio mais que os de ninguém.” No seio de todos os partidos adquiriu, e conservou, Swift amigos. Bastaram-lhe poucos anos, para contrair as mais íntimas relações com os espíritos mais alevantados daquele tempo: Steele, Halifax, Pope, Congrève, Prior, Arbuthnot.

Bolingbroke, essa deslumbrante individualidade, de quem Chatham antepunha a restauração de um só discurso ao descobrimento das maiores obras perdidas da antiguidade, cuja prosa Chesterfield emparceirava à de Cícero, cuja filosofia ministrou a Pope o estofo do mais nobre poema

filosófico da língua inglesa, Bolingbroke abria deste modo o seu coração a Swift (23 de outubro de 1716):

“Segura verdade é que, entre todas as perdas por que passei, nenhuma me magoou mais que a de vossa presença e correspondência. Vossa carta espira o mesmo hálito que a vossa conversação sempre inspirou, ainda quando mais remoto parecia o ensejo de praticar os mais severos preceitos de virtuosa fortaleza. Adeus, caro amigo; felicite-vos o céu com o mais benévolo influxo. Se ainda nos tornaremos a encontrar, só ele sabe; se sim, de que milhões de coisas não teremos que falar! Entretanto, crede: nada me está mais conchegado ao coração do que a pátria e os amigos; e, entre estes, tendes, e nunca deixareis de ter, lugar de primazia.” Henley, em 1709, ou 1710, referia-se “à sua singeleza e benignidade”.²¹ A dissemelhança das índoles e ideias não arrefecia em Swift a cordialidade desses laços. Amigo mais constante, leal e fervoroso, nunca o houve.²²

Poucos homens lograram inspirar amizades mais profundas e duradouras. Raros também terão sido tão sensíveis a essa influência, raros lhe terão aberto espaço tão amplo na vida, e sabido ser-lhe fiéis até os últimos dias de sua passagem pelo mundo. A perda de Gay dilacera-o; cinco dias contemplou a carta, que lha comunicava, sem ânimo de descerrá-la, temendo o infortúnio, que seus presságios lhe anunciavam. Na sua dor, deplora que os anos o não tivessem empedernido. Apavora-o como a maior das desgraças a morte sem o bálsamo da simpatia dos que lhe são caros. A doença de Pope “impende-lhe ao espírito” em densa nuvem de tristeza.

Recebendo os sacramentos, já ao pé do sepulcro, murmura: “Não há nada meritório, senão a virtude e a amizade; e esta mesma é apenas parte da virtude.” Bolingbroke, ouvindo repetir essas palavras sagradas, “por certo”, exclama, “nisso se cifra todo o dever humano”.²³

Acima das apreciações literárias da posteridade, colhidas em informações remotas e falíveis, está a opinião dos coetâneos ilustres, que o experimentaram e trataram. E entre estes, a respeito de Swift, os que melhor o conheceram são os que mais o admiraram, e amaram.²⁴ “Querido amigo”, escrevia-lhe Arbuthnot, “a última sentença de vossa carta cravou-me um punhal no coração. Não repitais nunca essas palavras ternas e doloridas; não digais que ides forcejar por esquecer-me. Eu, de mim, nunca vos deslembrarei, ao menos enquanto não encontrar, o que impossível será, outro amigo cuja prática me seja delectável como a vossa.” Addison chamava-lhe “o mais aprazível companheiro, o mais fiel amigo, o maior gênio de seu tempo”. E Pope, após 23 anos de amizade, discorria dele em carta a lorde Orrery: “O meu sincero amor daquele homem precioso, realmente incomparável, há de acompanhá-lo até o fim de sua vida, e seguir-lhe a memória, ainda quando me coubesse viver cem vidas, tantas quantas lhe sobrevirão as suas obras, absolutamente originais, sem parelha, ou exemplo. Sua humanidade, sua caridade, sua indulgência, sua lhanza competem com o seu espírito, e mui são critério demandam em quem houver de avaliá-las.”

Esse o selvagem intratável, o indoméstico entremontano indigitado por certos sentenciadores como um caso típico de insociabilidade. Ele deliciava-se na conversação com apaixonado prazer. O brilho e exuberância desse talento, em que ninguém o rivalizou, tornaram-no o encanto dos círculos mais ilustrados, de onde os seus ditos cintilantes se vulgarizavam por toda parte, convertendo-se em prolóquios populares. Ainda aí se manifestava a sua benevolência; porque, longe de reclamar o privilégio de falar só, era regra interromper-se a miúdo, abrindo azo à permuta contínua de ideias entre os interlocutores.²⁵ Quem o atesta é Johnson, “o mais maligno dos seus biógrafos”, o mais cheio de preconceitos contra Swift.²⁶

Era irresistível a irradiação moral de Swift. Ninguém entrava em contato com ele, que se não sentisse enlaçado na sua ascendência, dominado pela ação magnética, que se desprendia de sua pessoa. A energia desse fluido era tal, tão poderosa e insinuativa a sua propriedade de enfeitiçar, onde quer que lhe dessem acesso, que Bolingbroke, requestando o apoio da sua pena, depois do desvalimento de Oxford, contava recongrá-lo com a corte, afeiçoando a Swift a sua inveterada inimiga a duquesa de Somerset, a mesma que lhe arrancara um bispado, lançando-se implorativa aos pés da rainha.

Esse condão não nascia de qualidades superficiais: vinha de origens profundas; era uma força interior. Thackeray, em quem aliás parece preponderar, contra Swift, um sentimento de aversão pessoal, confessa, a propósito das paixões afetuosas que Swift ateou: “Para obter amor tamanho, era mister que

algum de si ele desentranhasse. Tesouros de espírito, sabedoria e ternura devia possuir aquele homem, encerrados nos antros obscuros de seu coração, descobrindo-os a um ou dois privilegiados, que acolheu ali.”²⁷ Entre as amizades imaculadas que caracterizam as suas relações com o outro sexo, nomeia-se: a filha do duque d’Ormond, que faleceu esposa de lorde Ashburnham. Por ocasião dessa morte escrevia Swift expressivamente: “Abomino a vida, quando a imagino exposta a acidentes tais; e, ao ver milhares de misérias pesando sobre a terra, enquanto desaparecem criaturas como esta, chego a conjecturar que Deus não nos quis dar na vida um benefício.” E, quando sua velha mãe, que ele ternamente honrara toda a vida, cerrou para sempre os olhos, o filho, a sós com a saudade, escrevia no seu *memorandum* estas palavras impregnadas de submissão e meiguice (ungidas de infinita esperança e doce melancolia): “Acaba-me de cair a última barreira entre mim e o túmulo. Conceda-me Deus finar-me aparelhado para esse transe, tanto quanto confio, e creio que ela se achava. No céu está, se o caminho para o céu consiste na piedade, na verdade, na caridade e na justiça.” Aí tendes quem, segundo a crítica francesa, não amou nunca, e apenas soube execrar.

Ninguém foi ainda mais prestadio e abnegado em converter o valimento político, a que o elevou sua prodigiosa capacidade, em benefícios desinteresseiramente esparsos entre amigos e necessitados. “Não houve, por assim dizer, um homem de gênio, que lhe não devesse serviços.” A rogos seus, manteve-se Congreve no cargo em que o provera um governo

oposto a Swift e aos seus amigos. “Assim”, disse este, “restituí o descanso a um homem estimável: excelente emprego do meu dia.” Graças aos seus esforços, Berkeley viu abrir-se diante de si o caminho das posições. “Hei de ajudá-lo, quanto em mim couber”, escreve Swift; “porque, em minha consciência, me julgo obrigado a usar do meu pouco crédito em auxílio dos homens de valor.” A sua intervenção deveram obséquios e lugares Pamell, Steele, Gay, Rowe, Philipps, Draper. Nunca o merecimento e a pobreza lhe bateram em vão à porta. Sua benevolência não distinguia afeiçoados e adversários; e, dentre estes, alguns dos mais notórios, dos mais violentos, acharam na generosidade desse alto protetor ingresso a posições ambicionadas. Queixavam-se os ministros de que o *tory* Swift não se abeirava deles “sem um *whig* na manga”.²⁸ Em caridade ninguém se lhe avantajava, quer na importância das somas liberalizadas, quer no acerto da distribuição. Habitado à mais severa parcimônia para consigo, mais facilmente, entretanto, despendia em esmolas cinco libras, do que qualquer mais abastado gastaria cinco shillings. Afirma Delany que nunca vira pobres tão solícita e conscienciosamente desvelados como os da catedral de St. Patrick’s.

Diz-se que mais de duzentas famílias lhe deviam o pão. A clientela dos que ele acaridava abrangia toda a indigência da cidade. Não quadrará realmente o qualificativo de “esplêndida”, que lhe dá o grande historiador do século XVIII na Inglaterra,²⁹ a essa generosidade, que os difamadores de Swift malsinam como dura e humilhante? E é dest’alma cheia

de sensibilidade e comiseração pelos sofrimentos alheios que Paul de Saint-Victor escreveu: “Tomara ele que a humanidade tivesse uma só cabeça para lhe escarrar na face.”

Essa crítica de imaginação, que retrata como “incapaz de seduzir” a criatura que mais irresistível sedução exerceu sobre os seus semelhantes, sem esforço, quase sem consciência, por eflúvio natural de sua pessoa, acaba pondo-lhe no semblante a expressão carregada e má do mau espírito que lhe atribui: “Ele tinha”, diz Paul de Saint-Victor, “o invólucro do seu caráter: uma fealdade abrupta e bravia.” Convinha demudar o homem físico, assim como se fizera deforme o homem moral, para enlaivar de ridículo esta grande encarnação invulnerável da ironia, estabelecendo uma analogia de irrisão entre as aventuras do anão de Astolfo e do negro das *Mil e uma noites* e as duas paixões extraordinárias, que Swift involuntariamente inspirou, tão imprósperas, lacrimáveis e impolutas, como os amores de Petrarca e Abelardo.³⁰ Pope fala, porém, no seu olhar de rara penetração em olhos azulados como o céu. Hester Vanhomrigh descreve-lhe o semblante ora iluminado em compaixão divina, ora fulgurando em vivacidade e indignação, ora sulcado de relâmpagos que assombra e emudecem. Imaginai-lhe a fronte alta, o nariz aquilino, a boca resoluta, no gesto a expressão da superioridade calma e confiada em si, sem insolência nem desprezo;³¹ com esses predicados, um talento inimitável de conversação, a cintilação de um espírito inexaurível; e não será de estranhar o ímã, com que esse modelo de eminente distinção, apesar dessa espiritualidade nas relações com o belo sexo que levou Paul de

Saint-Victor a apelidá-lo “neutro”, atraía de redor de si as mais famosas belezas da época num e noutro partido. Era íntima a sua familiaridade com as filhas de Berkeley e Ormond, com Mr. Biddy Floyd, “cujos olhos desnevavam o gelo”, Mrs. Finch, depois Lady Winchelsea, Lady Stanley e Lady Lucy Stanhope, ambas *whigs* decididas, Miss Baxton, sobrinha de Sir Isaac Newton. Individuar as suas amigas seria, em suma, enumerar as estrelas mais brilhantes na via láctea da corte e da sociedade daquele tempo. “Devo às damas as melhores informações, que tenho, de coisas políticas”, escrevia ele a Hunter, “porque os ministros não me dizem nada.” De Mrs. Long, uma como *professional beauty*, das mais admiradas no *high-life* de então, dizia ele: “Era a mais gentil mulher dos dias em que viveu; de insigne honradez e virtude, infinita doçura, generosidade de índole, e genuíno bom senso.”³² Este perfume d’alma, o aroma destas qualidades do coração e do espírito constituíam, para Swift, o atrativo supremo da formosura feminina, e derramavam uma atmosfera de pureza espiritual nessa espécie de soberania singular, que ele exerceu sobre as belas mais requestadas e poderosas do seu tempo. “Quando eu residia em Inglaterra”, dizia ele prazenteiramente, anos depois, à filha do bispo Hoadley, “costumava expedir cada ano um edito, notificando a todas as damas de espírito, senso, mérito e qualidade, que cobiçassem conhecimento comigo, o convite de darem por sua conta e risco os primeiros passos.” Este gracejo, que nos dá um traço curioso dos costumes da época, durou vinte anos, sem que ninguém sorrisse daquela ditadura jovial, a que as divas mais fidalgas se

submetiam, ou eram condenadas no círculo dos salões mais finos, por mais que as recalcitrantes, raras, alegassem as graças e privilégios de *ladies of the Toast*.

A cordialidade dessa convivência, o espaço que ocupou naquela vida tempestuosa, a complacência com que na amenidade dessas relações se saboreava Swift aquilatam o valor das inferências de Saint-Victor, quando vai buscar em um desabafo de horas de *spleen*, vertido na *Carta a uma donzela sobre o seu casamento*, os sentimentos do autor em relação à mulher e à aliança dos dois sexos. Baudelaire “pasmava de que se desse ingresso às mulheres no templo. Que colóquio podem ter com Deus?”, perguntava ele. E nem por isso se arrepiaram as carnes à crítica francesa. O humorismo e a ironia são de seu natural excêntricos e inconsequentes; a liberdade da contradição a *œqua potestas quid libet audendi* no domínio cambiante da fantasia é antigo privilégio seu. A crítica de espírito perdoa-lhes os acessos de absurdo, a troco dos finos grãos de bom senso, com que se condimentam, e onde a boa justiça manda que se vá buscar a essência íntima da natureza do escritor. Não era o mesmo Baudelaire quem pretendia extrair “da feminilidade da igreja a razão de sua onipotência”?³³ Mais razoável foi Johnson, cuja indisposição, aliás, contra o seu conterrâneo já conhecemos, quando ponderou, a respeito dessa extravagância de Swift, quão duvidoso é que se deva implicitamente admitir o conceito hostil desse escrito como a opinião real do missivista acerca da mulher.³⁴ Um momento de irritação contra a futilidade ordinária das palestras feminis, empregadas em modas e vestidos, rendas e fitas, insinuou-lhe

essa comparação entre a mulher e a espécie dos símios, “menos dispendiosos, menos maléficos, e suscetíveis de dar de si sofríveis críticos em matéria de veludos e brocados”. Evidentemente o remoque era desfrechado contra os hábitos frívolos do sexo, não contra a sua natureza, que Swift, nessa mesma carta, considera capaz de todas as virtudes possíveis no homem. “*I am ignorant of any one quality that is amiable in a man which is not equally so in a woman.*” Essa epístola, cuja linguagem Saint-Victor acusa de prostituir a jovem noiva a quem se endereçava, encerra expressões de interesse paternal como estas: “O ponto essencial de vossa existência há de ser este: acarrear, e preservar a afeição e a estima de vosso esposo.” Lorde Orrery, que não é suspeito senão de malevolência contra Swift, dizia: “Esta carta, convinha que todas as noivas a lessem. As senhoras de mais consumadas qualidades hão de percorrê-la com prazer e proveito.” O desprezo de Swift pela tirania da casquilhice feminina perfeitamente natural era em quem da beleza nunca experimentara a impressão sensual; mas não podia traduzir quebra de respeito ao sexo, nem à idealidade da sua função humana por parte de uma consciência profundamente moral como a do homem a cujos olhos, dizia ele, “o tempo não conseguia desbotar o esmalte das virgens”.³⁵

O problema da singularidade dessas relações, dessa afeição com todas as mais mimosas ternuras do amor, mas absolutamente incorpórea e insexual, resolvem-no alguns pela hipótese provável de um vício constitucional em Swift. Para explicar, porém, a sua repugnância irreduzível à aliança

conjugal, subsistem outros motivos, óbvios e cabais: a excentricidade do seu temperamento, avesso à subordinação; os acessos de vertigem e surdez em que ele via ameaço contínuo à sua vida, e, sobretudo, o receio de constituir família com recursos escassos. A aversão a gastar superfluamente um *penny* começou-lhe no colégio, intensou-se com a experiência dos anos, interessou até as suas convicções políticas com a ideia fixa da ruína irremediável da nação por excessos de despesa. Não se cuide, entretanto, que prezasse o dinheiro pelo dinheiro. Estimava-o como instrumento necessário de independência. Avaro nunca o foi. Era, pelo contrário, “magnífico na sua generosidade”. Sua munificência com os necessitados avantajava-se à capacidade de sua fortuna. Renunciava em proveito dos editores o rédito de seus escritos, pelos quais nunca aceitou dinheiro. Recusou opulento consórcio com uma jovem desvairadamente perdida por ele. Nos derradeiros anos terçava por igual a sua renda, destinando uma parte à sua subsistência, liberalizando a outra, e acumulando a terceira para obras de caridade póstuma. O casamento afigurava-se-lhe, portanto, “dependência, talvez penúria, e ruína de suas aspirações”.³⁶

Fosse qual fosse, porém, a natureza de tais motivos, mulher nenhuma ainda se viu mais querida e honrada por um amante do que esta por esse amigo piamente fiel. A notícia da morte de Estela foi o dobre fúnebre pela felicidade e pelo espírito de Swift. “Em mui pouco estimo eu a vida”, escrevia ele, logo após essa ocorrência, a um de seus amigos, “e o pouco que dela acaso me reste, depois de tamanha perda, seria

um fardo, que de todo o meu coração exoro a Deus Todo-Poderoso me ajude a carregar. Não vejo que possa dar-se maior doidice do que contrair amizade tão estreita; porque, se vem a falhar-nos, fica o homem para sempre absolutamente miserável. A que acabo de perder, recebeu de mim, desde menina, educação e ensino, primando em todos os dotes estimáveis, que podem ornar uma criatura humana. Não sei o que digo; mas crede-me: a amizade violenta é muito mais estável do que o amor, e muito mais sedutora.” Sentimentos refulgentes assim de candidez ideal são os que Paul de Saint-Victor enxovalha como “grotescos amores de eunuco”.

Morto Swift, um de seus amigos recolheu-lhe do espólio uma negra madeixa dos cabelos de Estela, com estas palavras, escritas, no invólucro, pelo finado: “*Alguns cabelos de mulher. Only a woman’s hair.*” Estas vívidas expressões, diz um dos seus últimos biógrafos, “pelas quais ele vive ainda em nossa memória”,³⁷ soaram a um crítico, aliás interessado por Swift, como exemplo do capricho com que ele timbrava em velar sob a máscara da indiferença as emoções íntimas. “Que várias são as concepções dos críticos!”, reflexiona Thackeray. “Pois há aqui indícios de indiferença, ou propósito de ocultar um sentimento? Já ouvistes, ou lestes quatro palavras mais patéticas? Uns cabelos de mulher *apenas*; isto é, apenas amor, fidelidade, inocência, pureza, formosura; apenas o mais afetuoso coração do mundo, ferido e lacerado.” Essas quatro palavras de um desafogo quase inarticulado reveem a alma através das lágrimas. É uma espécie de soluço estrangulado, em que se sente ulular a saudade infinita, o desconforto

eterno, a amargura do irreparável, toda a ironia dolorosa vertida nas chagas de um grande espírito excruciado pela tragicomédia da vida. “Os fados zombam de nós, torturando-nos: de nonadas torcem açoites cruéis; das afeições mais suaves extraem a paixão mais acerba.” E é no calvário desta agonia, que a pena de Saint-Victor escreveu este insulto incrível: “ente odioso; espantalho inerte e selvagem”. A sutil poesia da ternura sobre um túmulo de mulher nunca teve expressão mais dolorida, nem talvez na língua de Shakespeare, do que a que lhe deu Swift; e, todavia, é de uma alma capaz desta sensibilidade que Taine ousou dizer: “Decididamente, este homem não passa de um carpinteiro, reforçado de braços, terrível na porfia do seu labutar, mas curto, maneando uma mulher como se fora um barrote.”

Swift acendeu involuntariamente duas paixões femininas, que brilham melancolicamente sobre a sua vida, acabando por sumir-se entre sombras de pesada tristeza. Esther Johnson, Estela, como ele poeticamente a cognominou, é aquela de quem Thackeray escreveu: “Não creio que ninguém pensasse jamais neste túmulo, sem deixar cair nele uma flor de piedade. Meiga donzela! tão amável, tão amorável e tão desditosa. Inumeráveis são os vossos paladinos; milhões de almas varonis vos deploram. De geração em geração recebemos a tradição apaixonada de vossa formosura; contemplamos, e acompanhamos a vossa tragédia, vossa manhã deslumbrante de amor e pureza, vossa constância, vosso mavioso martírio. Sabemos de cor a vossa lenda: sois uma das santas da história inglesa.” Essa beleza pálida, plácida, quase fria, cuja graça e

harmonia de proporções os biógrafos memoram com enlevo, dotada de prendas intelectuais ainda mais notáveis que o feitiço de seu rosto, das suas magníficas madeixas negras, dos seus olhos pretos e luminosos, apoderou-se por Swift de uma devoção absorvente e invencível. Ele não a amou; porque o seu temperamento, capaz de todos os extremos da amizade, era inacessível à correspondência sexual; mas sua rara delicadeza de sentimento é tal, que arrancou expressões de emoção ao espírito violentamente prevenido de Thackeray.³⁸ “A mais brilhante parte na história de Swift, o astro sem nuvens nessa vida escura e procelosa, é a sua afeição por Ester Johnson. Por encargo de profissão, tem-me cabido fazer copioso cabedal de leituras sentimentais e iniciar-me no segredo das relações de amor, em vários idiomas e eras; mas não conheço nada mais viril, mais meigo, mais deliciosamente terno do que certas notas rápidas de Swift no seu *Diário a Estela*.”

Este registro das impressões de Swift, “a mais interessante das suas produções”, na estimativa de Jeffrey,³⁹ “a transcrição completa de seu espírito”,⁴⁰ “esse exemplar único do bom humor de um gigante”,⁴¹ escriturado de momento a momento para o gozo íntimo do coração de uma mulher, e preservado de século em século como documento indestrutível para a história do coração humano, descobre na alma de Swift veios inesgotáveis de uma esquisita amizade, cariciosa e doce. Amor, não. As suas relações com Estela foram puramente platônicas. De que a desposasse clandestinamente, o que Taine e Saint-Victor inculcam por líquido, não existem provas concludentes.

Bem lançadas as contas, não há, de parte a parte, mais que probabilidades, em que nenhum tribunal de consciência assentaria sentença afirmativa.⁴² Se tal cerimônia se realizou, “pura cerimônia foi”. Nesse caso a explicação do fato seria que Swift, deliberado a fugir a todo transe ao casamento, “anuiu em dar a Estela ao menos essa fiança de que não se receberia com outra”. A história, recolhida às cegas por alguns biógrafos, da recusa silenciosa e cruel de Swift aos rogos de Estela, quando esta lhe obtestava no leito de morte a publicação do seu casamento, tem contra a sua credibilidade as razões mais decisivas.

Essa imputação atroz não resiste à análise vitoriosa de Lecky. “Não há provas convincentes de que Estela, nos seus últimos anos, se queixasse de Swift, ou se sentisse infeliz, nem se sabe que, em toda a sua vida, alguém o arguisse de dureza para com ela. Carece de fundamento, de todo em todo, sobre ser absurda em si mesma a suposição de que o fim de Estela resultasse, ou fosse apressado por dissabores de amor não retribuído. Quarenta e sete anos tinha ela, quando faleceu, e Swift sessenta e um; tendo sido as suas relações ininterrompidas por muitos anos até essa data.”⁴³

Com o drama de Estela se entrelaça outro, fatal e inolvidável. Swift deixara-se afeiçoar a Miss Vanhomrigh (Vanessa, como ele lhe chamava), moça de fortuna e talentos, com quem travara relações em 1810, quando voltou a Londres. “Perigosamente⁴⁴ inclinado ao papel de preceptor de raparigas distintas em inteligência e graças”, costumado à ingenuidade de sua afeição meramente imaterial por Estela,

não advertiu em quão difícil era que relações como essas preservassem o seu caráter primitivo de despreocupada intelectualidade. A admiração, que de Vanessa fizera aluna dócil e entusiástica, degenerou naturalmente em amor, o amor em idolatria, a idolatria em delírio. A confissão desses sentimentos, que Swift nem suspeitava, “encheu-o de vergonha, pena, desalento e assombro”. As cartas insistentes de Vanessa são súplicas de extático fervor religioso. Aos seus olhos, Swift passa por verdadeira transfiguração mística; é, diz ela, “a divindade que a acompanha por toda a parte”, “a imagem radiante” de tudo quanto se impõe à adoração e ao culto. “Recebendo missivas tais de uma mulher, que ele admirava, e estimava; percebendo que corresponder seria propinar-lhe veneno, e não corresponder, infligir-lhe as angústias mais pungentes, Swift devia sentir-se no mais cruel dos dilemas.” Em vez de confessar, porém, francamente sua situação, suas relações e seus vínculos com Estela, Swift tentou desacoroçoar de outro modo as aspirações de Vanessa. Mas fraqueou-lhe o ânimo, para cortar de uma vez toda a comunicação com o perigo. Compaixão, tibieza, imprudência entretiveram durante anos esse comércio, até que aos olhos da malfadada se patenteou a verdadeira situação de Swift, seus compromissos irrevogáveis para com outra. Uma interrogação epistolar de Vanessa a Estela dissipou as últimas ilusões. Narra-se que Swift, violentamente ressentido, dirigiu-se à casa de Vanessa, fitou-a de frecha, e, mudo, com o sobrecenho toldado de ódio, fulminando-a com um olhar inenarrável, atirou-lhe, de remanente, a carta aos pés, e voltou-lhe as costas

para sempre. Há dúvida sobre a realidade dessa entrevista. Vanessa faleceu pouco depois, aos trinta e cinco anos de idade — fato já esperável, se atentarmos em que, havia tempos, já se estava finando, e que seus irmãos, todos mais moços que ela, a precederam na morte. Contudo, o episódio de Vanessa é o lance deplorável na existência de Swift, e subsiste como nódoa, não no seu caráter, mas na sua vida. Fraqueza e irresolução foi a sua culpa; não imoralidade, ou crueza.

Eis o homem particular.

Na vida pública encontraremos o grande teatro do seu gênio.

Teve Swift a primeira iniciação nos negócios públicos em casa de William Temple, “cortesão gotoso e bajulado”, diz Taine. Esta apreciação do caráter e papel de Temple dão a medida aproximativa da fidelidade histórica do crítico francês e das noções estupendamente errôneas que encerra a sua *História da literatura inglesa*. Esse insignificante parasita (que outra ideia não nos deixa de Temple aquela frase) foi, entretanto, o caráter mais respeitável dentre os altos funcionários de seu tempo. Era justamente estimado como um dos primeiros diplomatas da Europa; cabe-lhe a honra de todo o bem que se praticou no governo de seu país depois da Restauração, sem coparticipar na responsabilidade dos erros, que impopularizaram esse regímen. Amigo da casa de Nassau, negociou o consórcio de Maria com o príncipe de Orange, a que a Inglaterra deveu, em 1688, sua emancipação política; embaixador em Haia, negociou esse memorável tratado da Tríplice Aliança, graças ao qual a Grã-Bretanha, reduzida antes

dele à ínfima das nações, obrigada a abdicar até a soberania de seus mares, e a não poder defender a foz de seus próprios rios, recuperou, em alguns meses, na opinião do continente, posição quase análoga a que ocupara nos dias de Isabel e Cromwell. Tão longe estava de ser um instrumento áulico, que recusou, sob os Stuarts, toda e qualquer parte na política da Cabala, foi eliminado por eles, em 1680, do rol do Conselho Privado, e, conselheiro de Guilherme III em árduas emergências do Estado, dependendo apenas de sua vontade elevar-se às mais eminentes alturas do poder, opulência e dignidade, preferiu a tudo, resistindo ao soberano, o retiro de Moor Park, onde o monarca do Reino Unido o ia visitar entre seus livros, seus ananases e suas tulipas.⁴⁵

Condenado ali, nos primeiros tempos, a uma posição subalterna, e curtindo os dissabores a ela inerentes, Swift acabou por captar a predileção de Temple, que, reconhecendo-lhe a superioridade, admitiu-o à sua privança, em que o conservou até o fim de seus dias. Nessa dependência teve que alforjar, diz Taine, “por dez anos, as humilhações da servidão e a familiaridade da criadagem”. Mas a verdade é que no decurso dos oito anos (não dez), duas vezes interrompidos, que durou a residência de Swift em Moor Park, o caráter penoso de sua condição cessou, logo que o velho estadista discerniu as qualidades extraordinárias do seu secretário, que não tardou em ser promovido a confidente, colaborador e, até, emissário de William Temple em melindrosas questões de Estado, como quando, em 1692, compareceu, pela primeira vez, à presença real, deputado pelo antigo conselheiro de

Guilherme, para expender o voto de seu protetor acerca do *bill* que reduzia a três anos o período parlamentar.

Swift era sempre admitido às conferências confidenciais entre o grande estadista e o rei,⁴⁶ que, passeando com o jovem aluno de Temple em Moor Park, por entre os alegretes do jardim, dignava-se ensinar-lhe o modo de colher e comer espargos à holandesa, e ofereceu-lhe o posto de capitão em um regimento de cavalaria. Posição tal não era por certo de “mendigo, lacaios ou escravo”. A inquietação de que se penetrava o secretário de Temple ao menor indício de frieza no semblante do patrono, tem explicação natural na reverência que lhe inspiravam os serviços patrióticos e as qualidades morais de W. Temple, de quem, no dia de seu passamento, escreveu Swift: “Expirou à uma hora da madrugada, e com ele tudo quanto havia bom e grande entre os homens.”

Entrando na vida política, a que o fadavam as circunstâncias, o seu temperamento e o pendor de sua vocação, Swift, assinalado a princípio como *whig*, inscreveu-se, em 1710, entre os *tories*. Era singular, sob o reinado de Ana, a confusão de credos entre as duas parcialidades. Lorde Stanhope clamava que elas tinham permutado entre si os princípios. As tendências políticas de Swift foram sempre conciliadoras, e sua pretensão, a de moderador entre os extremos de partido. Partidário, nunca o foi, na acepção estrita da palavra. Numa quadra em que, por nos exprimirmos como ele, até os cães e os gatos andavam possessos das rivalidades *whigs* e *tories*, essa isenção honra a sua superioridade de espírito. Prezava, todavia, profundamente a reputação de

coerência, sustentando constantemente que não hostilizava os *whigs*, senão para pugnar pelas ideias *whigs*. O radicalismo *whig*, porém, a seu aviso, ameaçava a Igreja, e o radicalismo *tory* desconhecia os direitos do Estado. Era eclesiástico, não político, o dissentimento entre os amigos da casa de Hanover; e, a este aspecto, as convicções de Swift sempre foram *tories*. Amigo da Revolução, sua fé, neste sentido, era *whig*; porque só os princípios *whigs* podiam legitimá-la. Mas, firmada e posta a salvo de perigos a estabilidade da dinastia parlamentar, seu lugar, como clérigo e adeso à religião oficial, havia de ser entre os *tories*, porque a escola *whig* inscrevera na sua bandeira a emancipação das dissidências religiosas. “Difícil seria mostrar que ele tivesse repudiado um só princípio de política secular, ao passo que, em matéria eclesiástica, seguiu a linha que os seus primeiros escritos haviam prefixado.”⁴⁷ Decidido partidário do episcopado, Swift, por um preconceito político, que o dominou toda a sua vida, considerava a existência de uma ortodoxia legal, de uma Igreja estabelecida, como instituição disciplinar e preservadora, ligada aos interesses do Estado pela reciprocidade de apoio e proteção.

Mas não obedecia a instintos de intolerância pessoal, nem a preocupação política do seu erro era cegueira de fanático. Essa combinação constituía simplesmente, a seu juízo, uma necessidade transitória, cujo termo ele anteviu. Há disso duas provas decisivas: uma cláusula, ditada por ele, no testamento de Ester Johnson, e o legado que instituiu ao presbitério de Laracor. “Esse homem extraordinário”, dizia Gladstone, referindo-se a Swift, em 1869, “futurava, ao parecer, a época

em que a organização eclesiástica da Irlanda seria chamada a contas, e providenciou a respeito da hipótese de que a confissão episcopal cessasse de ser religião nacional. Por intuição íntima pressentiu a brevidade da existência dela como instituição protegida, e deixou subordinada a propriedade à condição de ser administrada, nessa hipótese, a benefício dos indigentes.”⁴⁸

Era sincera a sua profissão religiosa? Nos seus escritos contra os livres-pensadores o publicista predomina sempre ao teólogo, a moral social ao dogma, o receio da publicidade à impiedade da dúvida interior. “Seu grande motivo estava na submissão às leis da Providência e às leis do país.” Mas não esquecia “a justiça de sua causa”.

Nas organizações mais sinceras, a profissão por cada um adotada, seus hábitos, seus encargos imprimem insensivelmente certa direção aos sentimentos, moldam muitas vezes a opinião e o caráter. Não faltam aí indivíduos que, “absolutamente incapazes da hipocrisia de professarem o que não creiam, pode-se afirmar, entretanto, com segurança, que teriam chegado a convicções diversas das suas, se o seu juízo não fosse, até certo ponto, refrangido, e as suas tendências naturais reprimidas por interesses e funções profissionais”.⁴⁹ E talvez o que sucedeu a Swift. Pode bem ser que o ceticismo viesse a ser o paradeiro de seu espírito, se não fora a influência do estado sacerdotal. Não é lícito, porém, dizer que suas crenças fossem meramente a vestidura convencional do seu ofício. Havia atos de devoção íntima, que ele praticava, rodeando-se de precauções do mais impenetrável

sigilo. Rezava assiduamente, com a gente de seu serviço doméstico, as orações matutinas sob tão cuidadoso recato, que amigos seus conviveram com ele semanas, em sua casa, antes que o devassassem. Em Londres costumava frequentar os templos, a horas em que evitasse olhares conhecidos. De muitas de suas cartas, escritas nas mais aflitivas tribulações, exuberava a fé religiosa em expansões de poderosa verdade. Bem que compostos quase todos contra abusos políticos ou sociais, ressentindo-se por vezes da amarugem da polêmica secular, os seus 12 sermões “estão cheios de sã piedade, adequadamente exprimida”.

Mas, nos próprios escritos onde se estampava ostensivamente o caráter de seus princípios conservadores em matéria religiosa, claramente transparece a substância liberal de suas opiniões. O panfleto intitulado *Sentimentos de um adepto da igreja de Inglaterra* não encobre o *whig*. A teoria da obediência passiva, interpretada por ele, significa obediência “ao poder legislativo”, não, portanto, ao soberano individualmente. “Nunca é pouco”, em seu entender, “o número de mãos, a que se confia a administração, nem muito o das que exercitam a autoridade legislativa.” O axioma originário de toda a democracia está energicamente formulado nas suas obras: “Governo sem o assentimento dos governados é a definição precisa de cativo.” A desconfiança do elemento militar era outra face do seu pendor liberal. Neste sentido não lhe faltava razão, para acusar os *whigs* de desvio das suas tradições; pois “a aversão desse partido à prerrogativa monárquica e aos exércitos permanentes diminuía curiosamente, logo que para

o lado deles se bandearam a milícia e a coroa”. Swift, porém, cavou inalterada fidelidade à preeminência parlamentar, e foi sempre uma espécie de radical na sua hostilidade ao militarismo.

Incontestável é, portanto, a sua perseverança política nos princípios, a que nunca transfugiu, e bem assim o seu desinteresse na evolução que o alistou entre os *tories*. Leslie Stephen demonstra que o seu divórcio dos *whigs* data da época em que estes se achavam no auge do poder, e que Swift se separou, por considerá-los infensos à instituição religiosa, cuja necessidade advogou desde o começo até o fim de sua carreira. Longe, pois, de incorrer no estigma de desertor, a realidade é que “poucos homens aderiram mais rigorosamente aos seus princípios primitivos”. A eles sacrificou, em mais de uma conjuntura, a sua posição, deixando arruinarem-se aspirações, que poderia ter satisfeito, se anuísse em refalsear as suas convicções mais caras.⁵⁰

No *Diário a Estrela*, que, confessam os seus piores inimigos,⁵¹ não se destinava a sair à luz pública, dizia ele, nos primeiros tempos de sua luta pela administração conservadora: “Até onde me cabe julgar, o governo tem em mira o verdadeiro interesse público; pelo que de bom grado o apoio com todo o meu poder.”

Esse poder era grande; chegou mesmo a ser incomparável, e mudou a face da política inglesa. A tanto se sublimou a pena de um publicista, desajudada de qualquer dignidade, na corte, no ministério, ou no parlamento! Em toda a história do jornalismo não há nada semelhável aos triunfos deste homem.

A imprensa, que a revolução acabava de libertar, devia necessariamente vir a ser, dadas as condições do tempo, o órgão de ação intermediário à nação e à Câmara dos Comuns, a que a queda dos Stuarts conferira a soberania. Não tendo publicidade os debates parlamentares, o escritor político era então o que o orador é hoje; e, como a imprensa diária ainda estivesse por fundar, os panfletos e folhas periódicas haviam de governar a Inglaterra. Assumindo, em circunstâncias tais, a redação do *Examiner*, Swift, que, como publicista, não teve rival nem no próprio Addison, empunhou um cetro, a que o ministério mesmo teve que curvar a cabeça. A imprensa, no seu conjunto, veio a tornar-se, depois, mais poderosa; mas nenhum representante individual dela reuniu jamais, onde quer que seja, em suas mãos o poder mágico daquele.

Essa onipotência, que, em várias questões graves, fez da opinião pessoal de Swift a opinião nacional, avassalou os ministros, que, começando por afagá-lo como válido, acabaram por escutá-lo como uma espécie de autoridade oracular. “O doutor”, dizia Harcourt, lorde guarda-selos do reino, “não é só favorito nosso, é o nosso governador.” Por seu intermédio membros do gabinete solicitavam mercês do governo. “Não há um”, escrevia Swift, em 1713, “que me não ocupe seriamente em terçar por si com o primeiro-ministro, como se eu fora irmão dele ou deles.” Essa familiaridade entre o ministério e o grande escritor a tal ponto sobressaltava os adversários, que os *whigs*, e, entre esses, homens como Walpole, a denunciaram com clamor no Parlamento.

Um espírito vulgar teria explorado a seu benefício essa situação. Swift utilizou-a em proveito público, intervindo como mediador de paz e espírito político entre os dois chefes do gabinete, Oxford e St. John, recebendo as confidências de ambos, dissipando os equívocos, e conciliando-os nas dissensões, que os separavam, sob a aparência de harmonia. Um e outro disputavam-lhe a amizade, pela qual andaram em competição à porfia os mais altos dignitários do governo e da corte.

Arguem-no de rusticidade e soberba nessas relações com as altas classes do Estado. Entre as excelências daquela individualidade não se poderia afirmar, verdade seja, que sobressaísse essa delicadeza aprimorada, essa suprema distinção de maneiras em que consiste a flor da fina gentileza. Havia na sua grandeza “uma ausência napoleônica de magnanimidade”. Mas os seus acessos de aspereza e desabrimento estavam longe de exprimir fatuidade, ou traduzir-se na insolência do *parvenu*, do *upstart*, do “filho da Índia”, como se diria nos tempos de João de Barros. A prova, observa judiciosamente um célebre historiador, está na afeição com que Halifax e St. John continuaram a prezá-lo, depois de extintos entre eles e ele os vínculos políticos que os tinham associado. Se a sua educação fosse a dos improvisados da fortuna, ou (para consignar mais um exemplo dos desatinos da crítica de Saint-Victor) a jactância provocadora das *courtisanes parvenues*, essas relações não sobreviveriam ao interesse que as utilizava, e em espíritos superiores como Oxford e

Bolingbroke não deixaria de si outros vestígios mais que ressentimento e enojo.

Estavam no zênite as glórias de Marlborough. A nação, fascinada pelas vitórias de uma longa campanha, era ferventemente oposta à política da paz, cujo grande intérprete foi a pena de Swift. Mas o panfleto que este publicou sobre o *Procedimento dos Aliados*, do qual, em menos de um mês, se venderam 17 mil exemplares, e se tiraram dez edições, reunido aos seus *Examiners*, publicação periódica onde ele pugnava contra a guerra, forçaram a corrente da opinião pública, deram ao ministério, na Câmara dos Comuns, uma maioria de 150 sufrágios, inverteram as simpatias populares a favor do partido Tory, e habilitaram o governo para o golpe, que derribou Marlborough, e rematou na paz de Utrecht. Este grande acontecimento internacional fez da Inglaterra a primeira potência europeia, pôs termo a um regímen de dissipação, que agigantava a dívida nacional, e iniciou um dos períodos mais prósperos na história do reino. Tão assombroso⁵² resultado, operou-o o gênio de um só homem, em 15 meses de esforços, propugnando ele só o seu partido contra as discórdias do gabinete, os dissídios intestinos, as combinações oposicionistas, e opondo o raciocínio, o espírito, o bom senso à invisceração pertinaz dos preconceitos populares. Elevara-se assim Swift à iminência de “um poder no Estado”; resumira em suas mãos toda a força da imprensa britânica, e tornara pendente de sua pena a opinião do país. Mas essa influência foi benfazeja, patriótica, civilizadora; porque represou uma inundação de sangue humano, e

assinala, na história de sua pátria e no regímen das instituições modernas, uma era nova: a entronização da imprensa, o governo do país pela publicidade.

Por aqui se avalie o nulo entendimento político e o minguido senso histórico do crítico francês, que se refere a esses acontecimentos em considerações deste porte e tomo: “Acabava de surgir a liberdade de imprensa: a Inglaterra estava pasma ante o periódico, como os negros ainda hoje em presença do *papel que fala*.”

O homem a quem foi dado modificar assim o curso da história, encaminhando-o no sentido de suas convicções individuais, o homem que, na frase de Johnson, “ditou as opiniões políticas da nação inglesa”, e soube ditá-las com essa alta sabedoria na direção do futuro, era por seguro um estadista de marca extraordinária: não pode ser julgado consoante a bitola abstrata dos críticos de arte, em tribunais puramente literários, nem estudado no seu foro íntimo e nos seus atos pelas sugestões de uma psicologia vulgar. “Ele combinava em si muitos dotes de consumado estadista”, diz Lecky. “Suas esperanças e receios”, observa Roscoe, “concentravam-se nos interesses políticos, que esposara. Seus sentimentos eram de homem de Estado, não de escritor; e da causa de um partido tinham-se elevado, até se fixarem nas liberdades de uma nação.”⁵³ Sua indiferença à reputação de literato era absoluta. Seus livros são golpes desfechados na luta; hão de avaliar-se pelos efeitos. “Apreciá-los segundo um padrão meramente literário seria o mesmo que julgar um mestre de esgrima pela graça de suas atitudes.” Neles, aos

olhos do autor, tudo era acessório, insignificante, desprezível, salvo o fim prático, a que se destinavam. Cada uma de suas produções representava um mecanismo dinâmico, calculado para a realização atual de grandes cometimentos: a remoção de um abuso, a destruição de um partido, a deslocação de um preconceito, a derivação de uma corrente política, a debelação de uma guerra sanguinosa. Quais os seus livros, tal o seu caráter. Errareis, se o não considerardes, acima de tudo, como homem de ação e homem de governo. Na balança onde houverdes de pesá-lo, os elementos de julgar são, ao lado de seu gênio, os característicos do meio e do tempo, os motivos, os intuítos, os resultados.

Descendente de puro sangue inglês, Swift não simpatizava com a população aborígine da Irlanda, onde nasceu, e onde as circunstâncias o levaram a viver, e morrer no deado de St. Patrick's. "Irlandês de nascença", diz Saint-Victor, "esposou contra sua raça o ódio da pátria adotiva." Destarte, pondo de revesia o senso comum, para achar em tudo indignidades contra Swift, qualifica-se pátria de adoção a terra de seu nascimento, estranhando-lhe implicitamente como afronta aos deveres da natureza o fervor de sua paixão contra o despotismo, que suplantava os seus compatriotas; quando, pelo contrário, o que, se não fosse o atavismo saxônio e protestante de sua linhagem contra o autóctone celta e católico, seria natural objeto de reparo, é o seu desamor aos povoadores do torrão de seu berço. Mas, se a população irlandesa era antipática aos seus sentimentos pessoais, isso apenas centuplica o valor de seu lidar pela emancipação

política da Irlanda. Pugnar pelo oprimido, quando o estimamos, é trivial e fácil; expormo-nos pela sua liberdade, sem o prezarmos, unicamente por horror à opressão, é extraordinário e heroico. Na primeira hipótese, há a satisfação de um instinto subjetivo; na segunda, o culto superior da humanidade e da justiça.

A Irlanda, escreve um historiador britânico, era a esse tempo, “o opróbrio da política inglesa. Ela deparava a Swift exemplo concreto da mais baixa de todas as formas da tirania”.⁵⁴ Reduzida à condição de feitoria inglesa, tinha apenas um simulacro de parlamento, simples chancelaria de projetos previamente autorizados com o grande selo de Inglaterra. Os irlandeses eram excluídos de todas as funções consideráveis. O erário do reino absorvia-lhes um terço da renda. A população vivia na mais sórdida miséria, abismada no desalento, sem nenhum sentimento cívico, ou intervenção na coisa pública. A indústria pastoril, a que as suas terras se adaptavam admiravelmente, alvorotara a rivalidade dos opressores, sendo, em consequência, vedada, perpetuamente, em 1666, a exportação de gado bovino para o reino. O efeito desta medida foi aniquilador: o comércio entre as duas ilhas desceu a um quarto do que era. Pela mesma época o Ato de Navegação, emendado em 1663, confirmado em 1670 e agravado em 1696, sequestrou absolutamente a Irlanda do comércio colonial. Inibida de exportar gado para a metrópole, a indústria irlandesa começou a entregar-se à criação de carneiros e ao fabrico de lã.

Apesar da mendiguês geral e das consequências ainda vivas das guerras civis, a excelência das lãs irlandesas e a barateza da substância favoreceram esse tentame; um sopro de energia industrial entrou a vivificar o país; e tudo induzia a augurar no desenvolvimento desse ramo de atividade uma transformação econômica, política e social. Mas a cobiça inglesa despertou; e uma lei de “esmagadora e incomparável dureza”, decretada em 1699, proibiu inflexivelmente a exportação dos lanifícios irlandeses para todos os mercados do mundo. Milhares de fabricantes abandonaram o país, mudando-se para Alemanha, França e Espanha. Armaram-se distritos ocidentais e meridionais da ilha, começando volumosa e caudal emigração para a América, e “uma espécie de fome crônica” assentou ali o seu domínio secular.

É a Irlanda, escrevia Swift, “o único reino, que eu saiba, na história antiga e moderna, a que se tenha denegado a faculdade de exportar seus produtos e artefatos para todos os pontos do mundo, salvo as nações em guerra com o Estado”. Estes sentimentos induziram-no a publicar, em 1820, um panfleto admirável, no qual dirigia um apelo aos proprietários territoriais, para que atenuassem o preço opressivo dos arrendamentos, e exortava o povo a resistir à política proibitiva da Inglaterra, abstendo-se da importação de mercadorias britânicas, utilizando-se exclusivamente de produtos indígenas, e pondo fogo a tudo o que viesse dos portos ingleses, “tirante o carvão”. Envolvendo o seu pensamento em engenhosa alegoria, comparava ele a situação recíproca das duas nações à de *Arachne* e *Palias*. A deusa antiga, ferida de

inveja pelas prendas de *Arachne*, virgem famosa pelo apontado primor de seu trabalho no fiar e no tecer, converteu-a em aranha, condenada a urdir de suas próprias entranhas, em estreito espaço. Swift caía assim no erro econômico de seus antagonistas, não percebendo que a Inglaterra e a Irlanda, cortando entre si a permuta dos seus produtos, lesavam uma à outra, e cada uma a si mesma. Mas a inspiração moral era patriótica. E os que lhe exprobram a selvageria das represálias aconselhadas, esquecem a reação gloriosa, oposta mais tarde, por muito menos, contra o comércio inglês pelas colônias da Nova Inglaterra, indignadas contra a política escravizadora de Jorge III.

Acusado de irar-se por ódio à tirania, sem amor nem compaixão pelas vítimas, Swift reivindicava, entretanto, com óbvia simpatia e piedade manifesta para a nação cativa os créditos de excelência moral e intelectual, que não era permitido então reconhecer-lhe, sem incorrer em heresia de papismo, ou jacobitismo. Os ingleses, escrevia ele, em julho de 1732, “deviam envergonhar-se desses labéus de estupidez, ignorância e covardia, com que insultam a Irlanda. Tais defeitos são produtos do cativo”. Entre os pobres campônios daquela região afirmava ele ter encontrado “muito melhor gosto natural pelo bom senso, espírito e graça, do que nos indivíduos da mesma classe em Inglaterra”.

Um dos gritos mais tremendos contra a opressão que a história já ouviu é o seu panfleto de 1729: *Modesta proposta destinada a evitar que os filhos dos pobres, na Irlanda, se convertam em fardo para os pais e a pátria*. Este libelo, “que é, por assim dizer, o

supremo esforço do seu desespero e do seu gênio”, tem atraído sobre o nome de Swift escuros tismes de improbação. É uma “ironia de canibal”, diz Taine. “Assim falaria um taitiano”, exclama Paul de Saint-Victor. “Este homem”, murmura a medo Thackeray, “passa por entre os berços com o andar e o gesto de um ogre.” Consistia a ideia alvitrada nesse escrito em utilizar para a alimentação pública as crianças nascidas nas classes indigentes. Esta sátira estranha, sob cuja superfície impassível arde uma violência vulcânica de indignação e o mais profundo sentimento de humanidade, é, aos olhos desses aquilatadores, uma como profissão de antropofagia de um tresvairado, capaz de devorar recém-nascidos assados a espeto. Mas, se a alegoria é satânica, e resfria o espectador até os ossos, não há quem não lhe perceba através da sombra os longes de uma realidade histórica ainda mais abominosa: a imagem da Irlanda, acorrentada à galé da sua maldição, nua, descalça, dilacerada, inanida, devorada pela Coroa da Inglaterra, com os seios de mãe exaustos e os braços inertes, produzindo filhos para a fome e a força, renovando-se para renovar a sua mendicidade e o seu opróbrio, multiplicando nos seus descendentes os seus farrapos, os seus estigmas e os fuzis da sua calceta secular.

Na cólera de Thackeray, genuíno inglês de coração, sente-se, como já observou um biógrafo francês, a melhor prova de que Swift acertou no ponto sensível do inimigo. A gelidez superficial desse escrito “poderá doer as pessoas de coração benigno”, diz, aliás, outro inglês, “e tem realmente acarretado condenações contra a suposta fereza do autor, quase tão

estranhas quanto as apologias que não veem nessas páginas senão esquisito espécimen de humorismo. Elas, ainda hoje, fazem tremer. Todavia, podemos absolver o escritor, e, até, simpatizar, quando consideramos no que ele realmente é: a expressão mais completa de abrasada indignação contra uma tirania intolerável”.⁵⁵ Por mais atroz que fosse a ironia nesse panfleto, ainda não desenhava a imagem do cativo da Irlanda. O pobre rústico esfaimado pagava então por uma arribana imunda e duas ou três leiras de batatas o triplo do seu valor; a mendicidade e o roubo eram meios forçados de subsistência; dentre cem caseiros, em toda a superfície da ilha, não havia um que pudesse dar sapatos aos filhos, comer carne, ou beber senão água e leite; e, salvo as terras de granjeio cultivadas ao norte por escoceses, o país inteiro era uma cena de miséria e assolação comparável apenas aos ermos estéreos da Lapônia. Apresentava então a Irlanda a antítese mais deplorável à máxima de que “o povo constitui a riqueza do país”, e a *Modesta proposta* é o triste comentário desta reflexão.⁵⁶ Dominava sem reserva o princípio, arquivado por Cowley, de que “a felicidade da Irlanda não se podia contrapor à menor conveniência da Inglaterra”. Além de outras vantagens o plano recomendado pelo panfletista oferece, diz ele, de fora parte, a vantagem “de não poder contrariar a Inglaterra; porquanto esta espécie de veniaga não admite exportação, sendo a carne de consistência tenra em demasia, para tolerar muito tempo a salmoira”, conquanto o autor conhecesse “certo país, que de boamente comeria mesmo sem sal uma nação inteira”.

Se o coração de Swift era inglês, como observa Thackeray, tanto mais admiração provoca a sua defesa da Irlanda, a cujo respeito, em cada linha do que ele escreveu, se evidencia “a profunda sinceridade de suas convicções”.⁵⁷ Inglesa era também a sua dialética e essencialmente inglês o seu gênio, a sua imaginação, o seu estilo. Incapaz de exageração, ou timidez, avesso a imagens transviadoras, claro, agudo, nervoso, exato na expressão, familiar nos argumentos, liso, chão, irresistível na lógica, rigoroso nos exemplos, prático, positivo e vivaz até na esfera da ficção,⁵⁸ incólume dos vícios peculiares ao temperamento irlandês, talhara-o admiravelmente a natureza para formar, educar e levantar o espírito público na Irlanda.

A esse papel as circunstâncias vieram oferecer extraordinária oportunidade. Sob pretexto da escassez de moeda de cobre, cuja deficiência se sentia na Irlanda, o gabinete Walpole expediu em favor de William Wood, dono e arrendatário de minas desse metal na metrópole, o privilégio de cunhar 108 mil libras em meios *pence*. Adotara o governo essa providência, sem ouvir a Lord-Lieutenant, nem o Conselho Privado Irlandês, nem o parlamento desse reino. Ambas as câmaras da legislatura irlandesa condenaram a medida como clandestina em sua origem, fraudulenta na sua execução e perniciosa nos seus efeitos. O rumor, propagado por entre a população, de que o valor real da nova moeda era inferior à sua valia nominal, filtrou no espírito público a suspeita de que o projetado instrumento de troca envolvia um

plano depredatório e criminoso, uma burlaria audaciosíssima contra o Tesouro e a algibeira particular.

Essa presunção derivava da ignorância, em que, ainda em nossos dias, espíritos dos mais alumiados laboram no tocante a certos elementos comezinhos, mas pelo comum despercebidos, nas leis misteriosas do mecanismo da moeda. As espécies subalternas do dinheiro metálico, destinado a trocos miúdos, uma vez que encerrem o valor intrínseco estritamente preciso para caracterizá-las, e dificultar a falsificação, e que o metal de que são compostas seja de natureza resistente, que se oponha à erosão contínua do uso, têm satisfeito as condições técnicas no assunto. Não se lhes requer, nem seria conveniente impor-lhes, como à moeda de ouro e prata, correspondência entre o valor do cunho e o da matéria-prima. Sob este aspecto o numerário de Wood não era somenos aos *half pence*, que hoje circulam no Reino Unido. Tecnicamente, portanto, a questão sustentada por Swift carecia de base. O parecer de Sir Issac Newton continha a verdade científica, e o grande panfletista labutava em equívoco, não se sabe se intencional, nas famosas *Drapier's Letters*, com que, em 1724, incendiou a opinião na Irlanda.

Mais facilmente, porém, se concebe o erro técnico de Swift em uma especialidade que não era sua, do que o erro histórico do famoso historiador da literatura inglesa deduzindo daí a sentença de insensatez, malignidade e difamação, que profere contra o autor das *Cartas de um fabricante de panos*.

Da concessão feita a Wood resultava que uma soma de cobre equivalente a 60 mil libras, passava a representar, amoedada, a importância de 108 mil libras, verificando-se assim uma diferença de 48 mil libras, que deixaria ainda margem imensa, satisfeitas as despesas de cunhagem.⁵⁹ Este excesso, que legitimamente não podia pertencer senão ao Tesouro, era do concessionário. Os lucros da ganhança haviam, porém, consignado, na sua maior parte, à algibeira de repartir-se com a duquesa de Kendal, válida de Jorge I e primitiva concessionária da patente. “Assim se ultrajava grosseiramente”, diz o historiador inglês Lecky,⁶⁰ “a dignidade e independência do país, e perpetrava-se uma infame batota”. Todas as invectivas de Swift, na fúria da refrega, não excedem o vilipêndio condensado, século e meio depois, nesta gota cáustica de indignação, por um compatriota de Walpole.

Não fica aí a torpeza do enlço. Para forçar pela necessidade a população, espalhara Wood agentes pela Irlanda, que retirassem da circulação a moeda de cobre existente, aumentando a penúria já aflitiva.⁶¹ Nem se haviam constituído preservativos contra a ganância do especulador, fixando garantias, que o inibissem de alargar a emissão além dos limites estipulados; deixando-se destarte ao seu arbítrio inundar o país indefinidamente com o numerário de sua lavra particular. “Não podia haver transação mais ímproba e indicativa da corrupção do governo inglês”, escreve o historiador da evolução intelectual da Inglaterra no século XVIII.⁶² É em presença deste escândalo que Swift exclamava: “Hampden quis antes o cárcere do que a submissão a um

tributo ilegítimo de alguns shillings; eu preferiria o patíbulo a ver a minha propriedade cisada ao bel-prazer do venerável Mr. Wood.”

A sugestão de embusteria e furto no valor da moeda era indemonstrável. Mas, para sufocar a imoralidade que se ocultava na raiz dessa transação abjeta, desse conchavo de alcova, o lutador, amordaçado pelas condições da época, necessitava de uma arma. Ora, a crítica histórica reconhece que a agitação estribada em fundamentos puramente constitucionais seria infrutífera.⁶³ A ignorância, a miséria, as dissensões, o aniquilamento do espírito popular, a preponderância oficial do partido inglês exigiam reação violenta. O facho que Swift empunhou, de mais a mais, já o encontrara aceso: a depreciação no valor da moeda fora a base do voto parlamentar nas câmaras irlandesas. Swift apanhou o brandão, levantou-o acima de sua cabeça, e a Irlanda inteira, vendo desenhar-se no horizonte, aos reflexos da chama, à sombra do Titão, readquiriu o sentimento de sua consciência, e repeliu o opróbrio.

Era sincero o erro de Swift, ou foi simples estratégia de guerra? O que se sabe, é que o conluio de Wood, se não devia cair por efeito dessa imputação, dignamente também não se poderia sustentar à luz de outras considerações. Ele importava em negação das instituições parlamentares, imolava os interesses de um povo aos amores reais de uma cortesã, e fazia de uma das funções mais altas do poder público presa e pasto da rapacidade dos parasitas do paço. Por entre as alusões transparentes do panfleto claramente se deixava entrever a

causa recôndita do agravo: “Não haverá falha na honra em nos submetermos ao leão; mas quem, sob a figura de homem, sofrerá com paciência ser devorado em vida por um rato?”

Essa oposição, todavia, respeitou sempre os limites constitucionais, firmando com a severidade incomparável da sua lógica e do seu bom senso o princípio representativo e a santidade da lei: “Por minha parte”, diz ele, “declaro, em presença do Onipotente, que preferiria padecer a mais ignominiosa e torturadora morte a receber esta moeda maldita, enquanto me não for imposta pelos legisladores de meu país; e, se tentarem forçar-me, trasladarei o meu domicílio para outras terras, onde coma o pão da pobreza no seio de um povo livre.”

A Irlanda reuniu-se em torno de Swift, ao clarão da almenara que ele acendera em St. Patrick’s; a agitação animada pela alma deste lutador patriótico expugnou todos os presídios oficiais; e Walpole, vencido, cassou a patente, livrando-se assim a Irlanda, na frase de Johnson, da invasão dessa opressiva rapinagem. “Não há época mais momentosa na história de uma nação”, diz Lecky, referindo-se a esse triunfo, “do que aquela em que pela primeira vez falou a voz do povo, e falou vencendo. Ela demarca a transição entre uma idade semibárbara e uma idade civilizada, do governo da força para o da opinião. Antes desse tempo era a insurreição o desenlace natural de todos os esforços patrióticos na Irlanda. Daí em diante veio a ser anacronismo e erro. Passou a idade de Desmond e O’Neil; deu começo a de Grattan e O’Connell.”

Nem esqueçamos uma circunstância cardeal, despercebida até hoje entre os historiadores que estudaram esse movimento, adulterado por Taine. A moeda de Wood, refugada na Irlanda, era, na mesma época, repelida e traquejada nas colônias americanas pelo gênio nascente da futura república.⁶⁴ Esta identidade de sentimentos e simultaneidade de ação nos dois continentes, nas duas Inglaterras, não estará mostrando a ausência de sentimentos egoísticos, o alto patriotismo, a inspiração superior a que obedecia a agitação suscitada e dirigida por Swift?

A posteridade conferiu-lhe o título de “criador da opinião pública na Irlanda”.⁶⁵ Essa missão extraordinária granjeou-lhe no seu torrão nativo a situação de um sumo pontífice, ou chefe espiritual. Pelo seu espírito cívico, pela sua sabedoria, pela sua integridade, o Deão, como lhe chamava o povo, era o árbitro universal, consultado por indivíduos e corporações, e as suas sentenças, ouvidas sempre com submissão pelas partes, não tinham recurso. Diz-se que, para prendê-lo, seria mister um exército de dez mil homens; e Carteret, em 1732, no posto de vice-rei, reconhecia a “soberania de St. Patrick’s”, acrescentando mais tarde (1736) que “governara a Irlanda, agradando ao dr. Swift”.⁶⁶

Para esmarcar o valor desta homenagem, basta notar que Carteret, em cujas mãos caiu de fato, senão de nome, em 1742, a sucessão de Walpole na presidência do gabinete, era o estadista de quem Pitt veio a dizer: “Nas funções superiores do governo ninguém o emulou.” Chatam declarou um dia, na Câmara dos Lords: “Ensoberbeço-me em confessar que ao seu

patrocínio, à sua amizade e à sua instrução devo eu quanto sou.” Chesterfield escrevia a seu filho: “Dizem que está a expirar lorde Granville. Quando falecer, morre com ele a cabeça mais capaz de Inglaterra.” Horace Walpole computava em cinco os grandes homens, que tivera ensejo de ver; e, desses, um era Carteret. “Desde que lorde Granville caiu”, observava Smollet a Humphry Clinker, “ainda não houve ministro que lhe valha o pó da cabeleira.” Carlyle, enfim, agermana-o em grandeza aos Fredericos, aos Voltaires e aos Chathams, apontando-o, com exceção do primeiro Pitt, como o mais notável secretário de Estado inglês na pasta das relações exteriores.⁶⁷ Este o homem que não soube administrar a Irlanda, em anos climatéricos, senão anorteando o seu governo pelo espírito de Swift.

Aos seus próprios desafeiçoados o merecimento de Swift impôs confissões, que, se não decorressem da boca de inimigos, poderiam passar por panegíricos. Seria suspeito Pope, quando o figurava desatando à pátria afrontada as cadeias de cobre, e engrandecendo o gênero humano,

*... or magnify mankind,
Or thy grieved country's copper chains umbind.*⁶⁸

Mas não assim Johnson, cuja parcialidade contra ele é assinalada, e que, todavia, lhe resume a vida pública nestas palavras memoráveis:

“Quando acaramos Swift como escritor, razão é avaliá-lo pelas faculdades pelas obras. No reinado subsequente ao de

Ana pôs a Irlanda a seguro da opressão e do saque, mostrando na força do espírito, quando se aliança à verdade, poder tal que o governo não logrou contrastá-lo. De si próprio disse ele que a Irlanda era sua devedora. Da época em que entrou a patrociná-la, é que a nação irlandesa deve datar a sua fortuna e prosperidade. Foi o primeiro que lhe ensinou a inteligência dos interesses do povo, seu valor, sua força, e lhe infundiu ânimo de afirmar essa igualdade entre irlandeses e ingleses, para a qual, de então avante, ela não tem cessado de caminhar com passos vigorosos.”⁶⁹

Era incalculável a baixeza, a que descera o nível da moralidade política, graças à avidez mercantil da corte, à babel dos partidos, à cínica filosofia dos ministros. Dias de incomparável venalidade eram esses, em que a onipotência da subordinação ministerial degradava a soberana a honrar com uma resposta o homem que lhe baldoara o nome com insultos capazes de ruborizar as faces a uma perdida.⁷⁰ Chefes de gabinete, como Harley, professavam declaradamente como lei única de seu proceder a regra, não inventada, já se vê, em nossos tempos, de que toda a sabedoria do homem político está em viver à custa do dia de hoje, com o apetite são e sem cuidados pelo de amanhã. Tudo se mercava, alugava ou leiloava. Dessa feira de consciências Swift saiu incontaminado.

Os escritores políticos viviam, na condição de assalariados, às tenças do governo. Entre estes contava o gabinete a seu soldo nomes, que entristece encontrar nesse rol, como o do autor do *Robinson Crusóé*. Swift repeliu a primeira tentativa de Harley, que lhe enviara, em 1711, uma nota de cinquenta

libras pelos seus primeiros escritos, rompeu com o ministro, que teve de abaixar-se às mais humildes satisfações; preservando a sua independência como um arminho, tratou sempre resvés com as mais altas sumidades do poder, e nunca advogou opiniões ministeriais: ditou as suas ao ministério, ao partido e à nação.

Estreme dos defeitos nos políticos meramente literários, assim como da superficialidade intelectual e lassidão moral de sua época; medindo e pesando o cérebro dos homens que concentravam em si os privilégios e pompas da grandeza política; inflamando naquele patriotismo de que algumas das suas prédicas religiosas encerram talvez, segundo Burke, “a melhor exposição”, imagine-se a severidade do seu desdém pelo mundo oficial e pelas classes dirigentes. Toda a sua estima era pelas classes médias, onde, no dizer dele, se resumiam quase exclusivamente as virtudes ainda não extintas no gênero humano. O orgulho de que alguns o acoimam, porventura não passava de desprezo dos néscios galardoados e poderosos:

*That scorn, of fools, by fools mistook for pride.*⁷¹

Alheado dos cargos de governo pela sua profissão eclesiástica, arredado das altas dignidades eclesiásticas pela independência de sua pena, Swift devia sentir profundamente a amargura do contraste entre o seu merecimento e a sua situação, entre a sua consciência e a ordem exterior do mundo, entre as suas aspirações e a realidade que o cercava. A

impotência incurável da sua vocação para o governo, as decepções de sua carreira profissional, a esterilidade melancólica das suas alianças de coração, a solidão pela morte ou pela ausência das pessoas que lhe foram mais caras, o tormento, a princípio remittente, mais tarde contínuo, da enfermidade que o afligiu desde os seus primeiros anos até os seus últimos dias,⁷² força era que lhe imprimissem no caráter uma têmpera acerba e sombria. Os períodos de vertigem e surdez enchiam-lhe a mente de presságios dolorosos. Vira acabarem, imersos na demência, o maior jurisconsulto e o maior general de seu tempo, Somers e Marlborough. Prevendo o termo tenebroso de sua existência, disse um dia a Young, apontando-lhe um olmo desfrondecido: “Hei de perecer como aquela árvore: pela cabeça.” Não há espírito cuja limpidez resista à obsessão de tais pensamentos. Na densidão dessas atribulações, aquela misantropia, tão exagerada e adulterada pelos torturadores póstumos deste homem de gênio, não era mais que a sombra avultada de seu desprezo pela sociedade onde vivia.

Não é exato que Swift acreditasse na indignidade geral da espécie humana, na degeneração essencial da nossa natureza. Vivendo em uma das idades mais frívolas, desalmadas e céticas da história de seu país, a sua misantropia era horror à sua época e aos vícios de seu tempo, era a indignação, como ele mesmo dizia, “ante o aspecto mortificador do cativo, da insânia e da baixeza, que o circundavam, e que se via estrangido a respirar”. A mim se me afigura, “antes digno de piedade que de condenação esse ulcerado espírito,

considerando a filantropia real, que essa misantropia encobre, e o ódio honesto à opressão e à brutalidade, sob o qual se envolve uma generosa simpatia”.⁷³

O coração a que o próprio Paul de Saint-Victor não teve coragem de negar “paixões generosas”, que soube praticar a caridade com tamanha amplidão, e igualar na amizade os tipos mais ideais deste sentimento, não podia ser amassado de fel, e confundir a natureza humana com a corrupção dela. Quando, rota a aliança entre Oxford e Bolingbroke, St. John, senhor da confiança da coroa, buscava aliciar, com todas as seduções do poder, o apoio de Swift, este optou por Oxford, encarcerado e arriscado na sua vida, preferindo acompanhá-lo na queda, na soledade, no cativeiro, e compartilhar nas tribulações do amigo arruinado, a desfrutar o triunfo com o vencedor onipotente. Esse papel de consolação, caridade e sacrifício por um amigo inútil, por uma criatura aniquilada, não caberia na alma de um misantropo. Era preciso sentir em si mesmo mui grande a natureza humana, para deixar da sua nobreza este exemplar eterno.

Perguntava um dia Swift ao seu amigo Delany se não sentia “comerem-lhe o corpo, e esgotarem-lhe a paciência as vilanias dos homens do poder”. Exortando os seus compatriotas ao uso exclusivo dos produtos irlandeses, dizia ele que “a opressão tira o siso aos prudentes”. A intensidade era o característico de todos os seus sentimentos: na amizade, no afeto ao dever, na detestação da tirania. A pauta de sua vida no deão de St. Patrick’s foi o mais austero modelo de virtudes profissionais, entre as exigências mais impertinentes

de um cargo tão inferior ao seu mérito, quanto um obscuro e silencioso vicariato ao governo de uma grande nação.⁷⁴ Evidentemente, num homem dotado desse virtuoso respeito da dignidade do dever nos seus mais modestos e tediosos encargos, a cólera contra a injustiça da servidão era a revolta de um sentimento humano e generoso.

Swift não aprendeu a filosofia da resignação ao inelutável. Outros, em presença da fatalidade da escravidão, cruzariam os braços, como o observador otimista, a cujos olhos tudo é evolução e harmonia, o bem e o mal, nos fenômenos da natureza e da história. O célebre Berkeley, contemporâneo seu, oferecia, em relação a ele, o tipo destoutro padrão. Vendo, tanto quanto aquele seu amigo e protetor, a indigência, o infortúnio, o desamparo incomensuráveis da Irlanda, reputava, contudo, insensatas contra o domínio inglês reivindicações que lhe pareciam baldadas. “Se a Inglaterra”, escrevia ele, “nos coarctar o comércio, o nosso interesse não consistirá claramente em acomodarmo-nos? Não estamos fruindo a vantagem da proteção inglesa, sem as responsabilidades da Inglaterra? Acaso ela não nos preza realmente a nós, e não nos deseja o bem, como à carne de sua carne e ao osso de seus ossos? Não nos compete agora cultivar de todo o modo essa afeição e esse amor?”⁷⁵ Entre duas maneiras tão opostas de encarar o aviltamento da subordinação servil de um povo a outro, poderíamos perguntar, como um historiador inglês de nossos dias, se não há mais valor real no investir contra males tangíveis, do que em expor máximas gerais, conjurando os homens a se submeterem ao cativo, e acreditarem por

caridade cristã na benevolência do opressor. Discutam os filósofos a preferência entre as duas escolas morais; mas o certo é que, politicamente, a benignidade dos Berkeleys teria sido, na anervia pública da Irlanda, um sistema de anestesia precioso aos interesses do despotismo inglês; ao passo que a lava derramada da alma de Swift, indômita sob o peso de toda a sua época, estremeceu o solo, e suscitou das profundezas dele o gênio que vulcaniza a Irlanda moderna.

Ninguém praticou jamais como Swift o horror da hipocrisia. Por excentricidade, por sensibilidade, por altivez, ocultava com ciúme as suas emoções, e disfarçava os sentimentos mais amáveis. Receoso de expor o íntimo d'alma a olhos indiferentes, passou por cético, egoísta e desamorado, recatando a sua fé, a sua generosidade, a sua ternura. “Usa Swift às vezes”, dizia Pope, “certa caprichosa rustiquez nos modos, que a estranhos se figura de maldade.” “Escondia as suas virtudes”, escreve um dos seus mais escrupulosos biógrafos, “assoalhava os seus defeitos, aparentava máculas, de que era isento. Julgado por certos lanços de sua vida, seria tido pelo mais descarado egoísta; e todavia, praticava a caridade a mãos largas; era capaz da amizade mais genuína, e não soube prescindir nunca da simpatia humana.”⁷⁶ Mascarava, sob os motivos menos lisonjeiros, as suas intenções mais nobres, dava os piores nomes às disposições mais estimáveis de sua alma, e contra si mesmo voltava as farpas da sua zombaria. Daí a vicacidade com que, em carta a Pope, lhe assegurava, com a sisudez habitual de seus gracejos, que toda a sua reputação de espírito e saber não valia mais, aos seus olhos, do que um